

PERCURSOS FORMATIVOS DOCENTE: ENTRE A FORMAÇÃO TÉCNICA E A FORMAÇÃO HUMANA

Ana Paula Moraes Santos Souza¹; Cecília Rosa lacerda²; Iarla Antunes de Matos Arrais³;
Francisca Alves de Souza⁴; Maria Rosângela Amorim Silvestre⁵

¹Doutoranda em Educação e Ensino pela Universidade Estadual do Ceará (PPGEEN/UECE), Limoeiro do Norte, Ceará, Brasil, ana.moraes@urca.br;

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Quixadá, Ceará, Brasil, cecilia.lacerda@uece.br;

³ Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, Ceará, Brasil, iarlaantunesmarrais@outlook.com;

⁴Mestra em Educação pelo Programa PROFEPT-IF-Sertão Pernambucano, Crato, Ceará, Brasil, berocleide75@gmail.com;

⁵ Mestra em Educação pela Universidade Regional do Cariri (MPEDUURCA), Crato, Ceará, Brasil, rosangela.silvestre@urca.br.

Introdução

O presente trabalho emergiu das discussões realizadas na disciplina Educação, Práxis e Movimentos Sociais, do curso de Doutorado em Educação e Ensino da Universidade Estadual do Ceará (PPGEEN/UECE), no período letivo 2025.2. A disciplina foi ministrada pelas professoras Sandra Maria Gadelha de Carvalho, Diana Nara da Silva Oliveira, Racquel Valerio Martins. Na oportunidade, articulamos as categorias Formação de Professores e Formação Humana às ideias que se constroem em torno de uma formação sob o aspecto da dimensão técnica e humana, entendendo que ambos os aspectos devem alicerçar esse processo formativo.

Muitas discussões permeiam a categoria da formação de professores¹, entre elas podem ser citadas as potencialidades e necessidades formativas iniciais e contínuas. Os desafios que perpassam as atividades do magistério são constantes, uma vez que em um mundo com mudanças tão vertiginosas as práticas e os saberes precisam ser (re)pensados constantemente, já que a educação não é neutra, mas recebe influências diretas da sociedade ao longo da História. Ser/estar professor é um processo que precisa ser constantemente (re)significado, uma vez que “a docência indica um caminho em que se vislumbra um aprender constante e permanente, o professor vai se fazendo e refazendo aos poucos e sempre” (Souza; Arrais, 2024, p. 586).

As discussões que constituem esse trabalho estão baseadas em Caldart (2023), Freire (2025, 2022), hooks (2013), Gatti (2016) e Souza; Arrais (2024). As leituras associadas ao conhecimento em torno do objeto levaram-nos a hipótese de que, “diante das pesquisas empíricas e teóricas, percebe-se que não basta o aprendizado de conteúdo para ser professor,

¹ Para a escrita deste trabalho adotou-se a forma do masculino genérico, em consonância com a norma padrão da Língua Portuguesa. Contudo, reconhece-se a crescente discussão em torno do tema e as alternativas existentes para uma linguagem mais inclusiva.

é preciso estar alinhado à situações práticas conflituosas, reflexivas, que levem a atitudes democráticas, solidária, igualitária etc., presentes em sala” (Souza; Arrais, 2024, p. 580).

Nesse sentido, surge a pergunta de pesquisa: de que maneira os percursos formativos docentes podem articular a formação técnica e a formação humana na constituição de uma prática pedagógica emancipatória? A partir dessa pergunta de pesquisa buscou-se, como objetivo geral, compreender como os percursos formativos docentes podem integrar as dimensões técnicas e humanas na constituição de uma prática pedagógica emancipatória.

Metodologia

O objetivo apresentado para essa pesquisa não busca quantificar dados, mas favorecer uma compreensão acerca do objeto investigado, portanto esta é uma pesquisa qualitativa. Sobre a pesquisa qualitativa Bogdan e Biklen (1994) registram que ela está associada ao alcance de dados descritivos, produzidos pelo contato direto do pesquisador com o objeto estudado. Os autores descrevem cinco pontos que configuram o tipo de pesquisa qualitativa, são eles:

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; 2) os dados coletados são predominantemente descritivos; 3) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; 4) o “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; 5) a análise de dados tende a seguir um processo indutivo. (Bogdan; Biklen, 1994, p. 46).

Quanto ao tipo, podemos classificá-la como bibliográfica, pois apoia-se em publicações sobre as categorias que integram o trabalho para uma análise confiável a partir de teorias reconhecidas no campo educacional. Conforme Marconi e Lakatos (2001), a pesquisa bibliográfica trata de um levantamento de bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, com a finalidade de colocar o pesquisador em contato direto com o que foi escrito sobre determinado assunto. As referências consultadas para a escrita desse trabalho foi Caldart (2023), Freire (2025, 2022), hooks (2013), Gatti (2016) e Souza; Arrais (2024).

Resultados e Discussões

A formação docente integra um campo permeado por diversas lutas que vão desde a busca por melhores condições de trabalho no âmbito da coletividade, até questões que se fundamentam na singularidade de cada professor, traduzindo-se em sua subjetividade, influenciando sua prática cotidiana e sua relação com os sujeitos que integram a comunidade escolar conforme as repercussões que emergem de suas experiências formativas, equivalendo-se às tarefas educativas da escola. Outra luta que se desenha no campo da docência, a qual também merece destaque, é a defesa de uma formação humana que deve perpassar não apenas a formação de professores, mas o ensino e as relações que se estabelecem no campo educacional, visto que a educação não deve ser dissociada da vida. Com isso,

A formação humana é o processo pelo qual cada pessoa vai se desenvolvendo, se transformando e pelo qual se realiza como ser humano. Ser natural e social. Ela acontece como vivência individual e coletiva de processos básicos de constituição da própria essência humana, ou seja, o ser humano que se realiza e se transforma nas suas relações, históricas e contraditórias, com o todo da natureza e da vida social de que é parte, em cada lugar, cada tempo (Caldart, 2023, p. 23, 24).

Nesse sentido, o processo formativo precisa ser compreendido como complexo e além das questões técnicas, visto que os professores são sujeitos subjetivos, possuidores de uma identidade evolutiva que, na formação humana, passam por um constante processo de desenvolvimento e de transformação, compreendendo-se como sujeito natural, social e histórico. Nessa perspectiva, como sujeitos em transformação por meio da educação, construtores de saberes, atores e autores do dinâmico processo de ensinar e aprender, conseguindo estabelecer relação entre a teoria e a prática, o professor não deve ser considerado um mero ensinador de conteúdos, pois ele articula criticidade para sua tarefa docente, atribuindo novos conceitos para o processo educativo. Congruente a essa ideia, Caldart (2023, p. 24) registrou que, “A educação é uma práxis que direciona a formação humana para determinadas finalidades e em determinado tempo histórico em que essa formação se realiza”. A educação como práxis no contexto da formação de professores aponta para ações que buscam a emancipação tanto destes quanto dos estudantes.

A dimensão técnica na formação docente é, inegavelmente, importante, pois professores precisam ter domínio dos conteúdos que serão ministrados, conhecer o currículo escolar e outras demandas que necessitam de um conhecimento técnico. Todavia, este campo não deve ser priorizado em detrimento do pedagógico, por exemplo, para que o trabalho do professor não se resuma a mecanização. Isso porque a formação docente não deve se pautar em repetir passos, mas em organiza-se em um espaço para criação, evolução e (re)construção da identidade profissional e pessoal que ultrapasse do individual para o coletivo, a educação deve ser considerada como um campo ligado ao contexto social, cultural e histórico, com significados específicos para todos os envolvidos. Considerar a educação sob esse panorama é compreender a complexidade das interações humanas, assim como requer dos professores uma postura reflexiva, crítica e humana.

Daí a necessidade de uma **educação corajosa**, que enfrentasse a discussão com o homem comum, de seu direito àquela participação. **De uma educação que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas de seu tempo e de seu espaço.** A da intimidade com eles. A da pesquisa ao invés da mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida. **A educação do “eu me maravilho” e não apenas do “eu fabrico”** (Freire, 2025, p. 122 – grifo nosso).

Faz-se necessária a luta por uma educação que apresente novos horizontes para todos os que estejam inseridos nos espaços escolares, mas para que uma “educação corajosa” alcance concretude este projeto precisa fazer parte da formação inicial e continuada de professores por todo o Brasil. As escolas brasileiras, sobretudo as públicas, são constituídas por pessoas bastante diversas e que precisam encontrar um espaço de acolhimento e de aprendizagem. Assim, cabe ao professor, em um viés de formação humana, efetivar estratégias em que esses diferentes sujeitos tenham a oportunidade de vivenciar um processo de formação humana, mas também de uma formação intelectual que os possibilite acessos a uma vida economicamente melhor. Segundo hooks (2013, p. 56), “fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de construir é um objetivo central da pedagogia transformadora”.

Congruente com a autora, a postura do professor deve ser democrática, e considerar que todos precisam ser ativos no processo educativo. Nesse sentido, é indispensável defender um ensino com práticas pedagógicas que se baseiam no diálogo e na participação colaborativa, rompendo com um ensino tradicional e autoritário. Essas ideias também devem integrar o processo de

formação de professores para que tenham consciência da importância de uma escola constituída como um espaço de formação humana, cultural e política.

Diante das grandes modificações que o mundo vem passando, da necessidade de construir saberes que deem conta dos novos processos educativos, os profissionais da educação não podem continuar desenvolvendo suas práticas e tendo sua formação com referenciais de teorias que não acolhem essas demandas (Souza; Arrais, 2024, p. 581).

Os sujeitos que constroem a educação formal precisam ter suas demandas ouvidas e atendidas, os professores precisam, de fato, sentirem-se pertencentes ao cenário educacional que está constantemente surgindo. Uma dessas demandas que articula formação técnica com a humana é o fato que a formação docente deve ser caracterizada pela reflexividade teórica sobre a prática, pois teoria e prática devem estar intrinsecamente associadas – práxis - e revelar ao professor que sua formação deve ser permanente, uma busca constante de aperfeiçoamento.

O que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, vá se tornando crítica. Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática (Freire, 2022, p. 40).

A práxis teorizada por Freire deve acompanhar o trabalho docente, fortalecendo as relações que se estabelecem nos momentos de formação – com seus pares – e nos momentos de aulas – com os estudantes. Com base no autor, a teoria e a prática devem ser indissociáveis no trabalho do magistério, uma vez que as duas vão constituindo a identidade profissional do professor, pois com base na reflexão crítica sobre a prática, o docente tem a possibilidade de avaliar-se, transformar-se e melhorar seu trabalho. A práxis se corporifica como horizonte da educação emancipatória.

Os diálogos tecidos por meio das teorias expressas preconizam uma formação que deve ser entendida como um processo complexo e dinâmico, uma vez que o caminho formativo configura uma trajetória evolutiva a qual envolve diversas aprendizagens, saberes e experiência individuais e coletivas. Nessas reflexões teóricas, entende-se que “[...] o professor é figura imprescindível. [...] A formação dos professores, suas formas de participação em sala de aula, em um programa educacional, sua inserção na instituição e no sistema, são pontos vitais” (Gatti, 2016, p.164).

Nesse sentido, ser/tornar-se professor é um movimento contínuo permeado por um dinamismo de (trans)formação e (re)construção constante. O trabalhador da educação, no exercício do magistério, insere-se em um processo de formação permanente e contínua, mobilizando questões relacionadas à identidade e a experiência evolutiva, sendo um profissional que a todo instante enfrenta desafios, precisa se atualizar, compreender os diferentes sujeitos que integram suas salas de aulas, entre outras demandas cotidianas, construindo uma prática inclusiva.

Este profissional precisa ter sensibilidade e firmeza para tratar sobre os assuntos que emergem durante suas aulas, pois “A falta de disposição de abordar o ensino a partir de um ponto de vista que inclua uma consciência da raça, do sexo e da classe social tem suas raízes, muitas vezes, no medo de que a sala de aula se torne incontrolável, que as emoções e paixões não

sejam mais represadas” (hooks, 2013, p. 55). Dai a necessidade de uma formação humana, pois, sendo alicerçado por ela, o professor entenderá que há urgência na inclusão de temas que estejam associados à raça, sexo e classe social em suas aulas.

Mediante a práxis docente defendida, uma nova categoria emerge, a do diálogo. O diálogo nas relações de ensino e aprendizagem e no próprio processo de formação docente é imprescindível. Freire é um grande divulgador da importância da dialogação para o processo educativo e para a formação humana. Conforme Freire (2025, p. 95), “A dialogação implica responsabilidade social e política do homem. Implica um mínimo de consciência transitiva, que não se desenvolve nas condições oferecidas pelo grande domínio”. Vê-se, portanto, que o diálogo apresentado pelo autor não se configura com uma simples troca de palavras, nem tão pouco é neutro, mas é um caminho para a transformação e para a liberdade, pois ele exige dos sujeitos responsabilidade social e política, um sujeito consciente de sua realidade, e por meio dessa consciência, capaz de intervir e transformá-la.

Conclusões

Com base nas reflexões tecidas, a pergunta de pesquisa apresentada, de que maneira os percursos formativos docentes podem articular a formação técnica e a formação humana na constituição de uma prática pedagógica emancipatória? foi respondida mediante o alcance do objetivo geral que surgiu do questionamento, “compreender como os percursos formativos docentes podem integrar as dimensões técnicas e humanas na constituição de uma prática pedagógica emancipatória”. O diálogo teórico que compôs este trabalho aponta para a importância de uma formação de professores consistente em sua dimensão técnica e humana.

Alguns elementos necessários para o fortalecimento do processo formativo docente emergiram das compreensões registradas, como a reflexão crítica sobre a prática, o exercício do diálogo, o acolhimento das necessidades de seus pares e de seus estudantes, uma educação que se faz com colaboração, participação democrática. Todos esses aspectos convergem em uma educação transformadora que se constrói sob um viés humano.

Nessa perspectiva, é preciso quebrar paradigmas positivistas, abandonar as meras técnicas de repetições e observar a formação de professores de forma holística, com o entendimento de que é necessário (re)aprender, (re)pensar a formação constantemente e, sobretudo, que a formação de base humana, crítica, emancipadora e dialógica deve alicerçar a formação inicial e continuada dos professores deste país.

Palavras-Chave: Educação. Humanização. Formação de Professores.

Referências Bibliográficas

- BOGDAN, R. C. & BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- CALDART, R. S. (Org.). **Sobre as tarefas educativas da escola e a atualidade**. São Paulo: Expressão Popular. 2023.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 59º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2025.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. 73.ed. Rio de Janeiro/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

GATTI, B. Formação de Professores: contradições e problemas atuais. **Revista Internacional de Formação de Professores (RIFP)**, Itapetininga, v. 1, n.2, p. 161-171, 2016.

HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. tradução de Marcelo Brandão Cipolla - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho Científico**. ed. 6, editora: Atlas S.A. São Paulo, 2001.

SOUZA, A. P. M. S; ARRAIS, I. A. M. Formação de Professores da Educação Básica: sentidos e desafios na contemporaneidade. In: CASTRO, P. A; TEIXEIRA, M. C. (Org.). **Formação de Professores**. Vol. 3. Campina Grande: Realize Eventos, 2024.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP